

★ NA GUERRA CONTRA O CORPO NEGRO!

CRIAR IMAGEM É CRIAR IMAGINÁRIO E CRIAR IMAGINÁRIO É CRIAR PODER!

Cachalote Mattos

Doutorando em Artes pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO e cenógrafo pela UFRJ. Consultor de imagem do Centro de Teatro do Oprimido, trabalhou com Augusto Boal entre 1998 e 2009. Integrante do GESTO – Grupo de Estudo em Teatro do Oprimido, do Coletivo Cor do Brasil, do Coletivo Siyanda de Cinema Negro, Cenógrafo da Os Ciclomáticos – Cia. de Teatro. Indicado ao prêmio Shell 2022 e ganhador do Prêmio CEBTIJ. Pesquisador da Estética do Oprimido. Realizou o projeto da exposição de revitalização do Cais do Valongo.

Resumo: A percepção permanente de uma guerra em curso contra o corpo negro fica evidente a partir de números estáticos de morte de pessoas vítimas de ferimentos por arma de fogo no Estado do Rio de Janeiro. O texto brevemente analisa de que forma foi construída pelos meios dominantes de comunicação (televisão, arte, cinema e teatro) ao longo da história do Brasil a percepção imagética sobre o corpo negro. A narrativa também faz uma aproximação entre os mecanismos tecnológico de percepção utilizados na Segunda Guerra Mundial e o modo operante que a polícia militar do Rio de Janeiro age em operações nas favelas, (lugar onde a maioria dos moradores é negra) para essa construção utilizo como base teórica o livro de Paul Virilio, *Guerra e cinema* (1993) e o livro *A estética do oprimido* (2009), de Augusto Boal. Apresento alguns filmes e espetáculos de teatro negro que trabalhei como cenógrafo na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: corpo negro; necropolítica; percepção imagética; guerra; imaginário.

IN THE WAR AGAINST THE BLACK BODY! CREATING IMAGE IS CREATING IMAGINATION AND CREATING IMAGINATION IS CREATING POWER!

Abstract: The permanent perception of an ongoing war against the black body is evident from static numbers of deaths of people who are victims of gunshot wounds in the State of Rio de Janeiro. The text briefly analyzes how the dominant means of communication (art, cinema, and theater) constructed the imagery perception of the black body throughout Brazilian history. The narrative also makes an approximation between the technological mechanisms of perception used in the Second World war and the operational way that the military police of Rio de Janeiro acts in operations in the favelas, (place where the majority of the residents are black) for this construction I use as a theoretical basic the book by Paul Virilio, *Guerra e Cinema* (1993), and the book *A estética do oprimido* (2009), by Augusto Boal. I present some black theater films and shows that worked as a set designer in the city of Rio de Janeiro.

Keywords: black body; necropolitics; image perception; war; imaginary.

Introdução

Segunda-feira, 19 de outubro de 2020. Acordei assustado às seis horas da manhã, sono interrompido por um barulho estrondante de helicóptero sobrevoando minha cabeça. Bem ao longe som de tiros contínuos, explosão de bombas incessantes, barulho de sirenes de carros de polícia enlouquecidas cobriam a sinfonia matinal dos pássaros. Da mesma forma as luzes vermelhas das sirenes invadiam meu quarto. Levantei-me, liguei a televisão e o noticiário avisava sobre a operação policial na favela do Jacaré/Jacarezinho no Rio de Janeiro, às seis horas da manhã a “operação” acumulava um saldo de seis mortos, cinco do “tráfico” e um policial, ou seja, seis corpos pretos estendidos para o café da manhã. Observei pela janela a praça em frente e pude observar oito meninos negros de cara para parede com as mãos estendidas tomando dura da polícia.

Moro a dois quilômetros de distância da favela do Jacaré/Jacarezinho e, diretamente, não soufrô perigo eminente de morte nesta situação, mas espiritualmente e psicologicamente a *Necropolítica* (MBEMBE, 2018) estabelecida nas três esferas políticas de gestão pública (prefeitura, governo estadual e governo federal) nos matam a cada dia. Penso sobre os outros companheiros e companheiras do Coletivo de Teatro Cor do Brasil e do Coletivo de Cinema Negro Syianda que moram no Coletivo de Favelas da Maré e no Coletivo de Favela do Viradouro em Niterói, de uma forma ou de outra todos nós do coletivo estamos em contato direto com essa realidade, correndo risco de extermínio.

A *Necropolítica* nos mata de “morte matada e morte morrida”. Mata o homem preto através da bala nos guetos, vielas e em rede nacional no meio de uma importante via pública, sobre a Baía da Guanabara, em cena cinematográfica do governador na época pousando de helicóptero no meio da ponte Rio/Niterói, com aplausos compulsivos do público que assistia a esse filme ao vivo e pelo

“show” televisivo transmitido em tempo real. (20 de agosto, de 2019) Os aplausos eram para mais um corpo preto que estava estendido no chão. Para além disso, a *Necropolítica* mata de “morte morrida” nossas mulheres pretas nos partos de seus filhos ou esterilizando-as, para evitar que perpetuem nossos cor/pos. No sentido epistêmico, a ausência de referências negras positivas nas diversas mídias e livros matam o imaginário de nossas crianças, além de abandoná-las, criminalizá-las e matá-las também de forma direta. À época enquanto escrevia este texto escutei o telejornal noticiando que o início do ano de 2020 já somou cinco mortes de crianças pela polícia, e mais uma menina de oito anos que foi morta dentro de uma Kombi no Coletivo de Favelas do Alemão”, também na cidade do Rio. O menino João Pedro foi assassinado dentro de casa na favela do Viradouro em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro.

Quinta-feira, 6 de maio de 2021. Acordei assustado às seis horas da manhã, sono interrompido por um barulho estrondante de helicóptero sobrevoando minha cabeça. Bem ao longe som de tiros contínuos, explosão de bombas incessantes, barulho de sirenes de carros de polícia enlouquecidas cobrem a sinfonia matinal dos pássaros. Da mesma forma, as luzes vermelhas das sirenes invadiram meu quarto. Levantei-me, liguei a televisão e o noticiário avisou sobre a operação policial na Favela do Jacaré/Jacarezinho, no Rio de Janeiro. Às seis horas da manhã a “operação” acumulou um saldo de 28 mortos, 27 do “tráfico” e um policial, ou seja, 28 pretos estendidos para o café da manhã.

No primeiro momento, a sensação de plágio do primeiro parágrafo do meu próprio texto denominado **Negras Transgressões**, escrito tempos atrás para o livro *Teatro do Oprimido e Universidade: experiências pedagógicas-artivistas e(m) redes para esperar*, Volume II, lançado em 2021, veio à minha mente de forma avassaladora, mas apesar da aparência quase idêntica do texto, a história deixou o saldo de 28 corpos estendidos no chão, em

grande maioria corpos negros. Cenas cinematográficas de guerra! Os noticiários exibem um “caretário” (quadro de fotos) com todos os executados na “operação” policial no Jacarezinho no meio da Pandemia de Covid-19, operação ilegal, tendo em vista que nesse período estavam suspensas todas as operações policiais em favelas do Rio de Janeiro, durante a pandemia, sem a prévia autorização do Ministério Público.

A percepção imagética construída nos noticiários é de espetáculo de guerra, guerra contra o corpo negro, que ao longo da história de construção do Rio de Janeiro foi empurrado para os morros, favelas e periferias, e atacados de todas as formas, os dados apurados por todos os institutos de pesquisa comprovam que a grande maioria de pessoas assassinadas pela polícia no Rio de Janeiro é de homens e jovens negros. O Estado instituiu uma espetacular guerra contra os corpos negros! O livro *Guerra e cinema*, de Paul Virilio, fala sobre a principal finalidade da guerra: ser a produção do espetáculo em si.

A guerra não pode ser separada deste espetáculo mágico porque sua principal finalidade é justamente a produção deste espetáculo: abater o adversário é menos capturá-lo do que o cativar, é infligir antes da morte, o pânico da morte... (VIRILIO, 1993, p. 12).

Da mesma forma, o texto fala da impossibilidade de existir “guerra sem armas sofisticadas e sem mistificação psicológica”, segundo o autor:

Não existe, portanto, guerra sem representação ou arma sofisticada sem mistificação psicológica, pois antes de serem instrumentos de destruição, as armas são instrumentos de percepção, ou seja, estimulante que provocam fenômenos químicos e neurológicos sobre o órgão do sentido e o sistema nervoso central, afetando as reações e a identificação e diferenciação dos objetos percebidos (VIRILIO, 1993, p. 12).

O helicóptero dando voos rasante por cima dos telhados das casas dos moradores da favela, o

Caveirão do BOPE (verdadeiro tanque de guerra) pintado de preto com estampa de uma faca encravada na caveira com duas pistolas cruzadas e áudios com frases saindo do Caveirão dizendo “**Essa noite levarei sua alma!**” e “**O BOPE vai te pegar!**” são estratégias para aterrorizar e paralisar os adversários; neste caso corpos negros e periféricos. “É infligir antes da morte, o pânico da morte...” Com semelhança com o descrito acima, Paul Virilio relata sobre um bombardeiro utilizado durante a Segunda Guerra Mundial.

Um exemplo bem conhecido é o do Stuka ou Junker 87, o bombardeiro Alemão que durante a Segunda Guerra Mundial, se lançava em voo rasante sobre seus alvos emitindo um uivo dilacerante de sirene. Os ataques obtinham sucesso total, aterrorizando e paralisando os adversários antes que esses pudessem acostumar-se com ruídos (VIRILIO, 1993, p. 12).

O Bombardeiro Alemão *Stuka/Junker 87* e o Helicóptero do BOPE apelidado como o “Águia ou Caveirão do ar” desempenham funções semelhantes de ação psicológica em uma situação de guerra. Lançam-se em voo rasante para aterrorizar e paralisar o inimigo. Mas que guerra é essa em nosso País? Quem são os inimigos? Corpos pretos e favelados? Como foi construído esse “inimigo” tão, tão perigoso? Foi construído ao longo da história pelos canais estéticos da palavra, da imagem e do som. Em *A estética do oprimido*, p. 15, Augusto Boal pergunta: “Por onde penetram essas ideias?” E responde: “*Pelos soberanos canais estéticos da Palavra, da Imagem e do Som, latifúndio dos opressores*”. Através de sobreposição imagética construída a partir de uma perspectiva branca racista nos meios dominantes do cinema, literatura, arte, teatro, televisão, revistas, periódicos que impossibilitou enxergar o corpo negro como semelhante e o colocou sempre sobre a perspectiva de ser o outro e, sendo o outro, a impossibilidade de criar empatia e assim sujeito aos piores tipos de agressão direta e indireta, incluindo o extermínio.

A construção da percepção imagética contra o corpo negro

Só para a região do Cais do Valongo, vieram escravizados cerca de um milhão e duzentos mil negros vindos de lugares diferentes da África. Depois de anos e anos de luta contra a escravidão, os negros conseguiram a liberdade. “Foram postos em liberdade” sem nenhum plano de integração na sociedade ou reparo pelos anos de atrocidades e jogados à própria sorte de sobrevivência ocuparam subempregos e viveram em sub lugares. Após a abolição, com o aumento da população negra nas ruas, rapidamente as leis evoluíram para criar mecanismo de vigilância e controle desse corpos pretos. Posso citar a lei da vadiagem que perseguia principalmente negros capoeira. A origem da criminalização da vadiagem no país aparece no [Código Penal de 1890](#), no qual vadio incluía a exibição pública de “*exercícios de habilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação de capoeiragem*”, que prendia quem fosse pego praticando esses exercícios. A população de encarcerado rapidamente se inverteu, até o fim da escravidão pois a maioria dos presos em cadeia e presídio, era de homens brancos. Hoje os presídios são verdadeiros navios negreiros. Com corpos negros acumulados esperando a morte. Prisioneiros de guerra?

Repressão aos Candomblés e Umbandas em todo território brasileiro sempre ocorreu, a intolerância religiosa é racismo, mais uma tentativa de eliminar o povo preto. Nesses lugares, mais do que a religião, cultivava-se a resistência, a partilha de alimentos, conhecimento, ensinamentos ancestrais, ciência medicinal das plantas, musicalidade; nesses lugares se dividia a alegria, garantia da saúde mental do povo preto. Esse ataque não data de hoje, vem de longe, revela Nestor Capoeira em seu livro sobre perseguição na Bahia. “*A repressão aos candomblés e capoeira atingiu seu auge um pouco mais tarde, entre 1920 e 1927, com o famigerado esquadrão de Cavalaria e ação do delegado de polícia “Pedrito” de Azevedo Gordilho*” (CAPOEIRA, p. 47). Hoje em dia as casas religiosas negras são atacadas e destruí-

das por milicianos (em grande maioria, ex-militares e ex-policiais) em nome de Deus.

Dando seguimento à evolução política eficaz de extermínio do corpo negro, posso citar os inúmeros projetos de gentrificação do centro e áreas nobres da cidade do Rio de Janeiro (Reforma Pereira Passos) removendo pobres, na grande maioria negros, para periferias cada vez mais longe, muitas vezes para lugares sem projeto de saneamento básico, mobilidade urbana entre outros serviços básicos para sobrevivência. Para ratificar meu pensamento trago para conversa Cidinha da Silva no livro *Parem de nos matar!*. A autora afirma:

Há décadas experimentamos o incremento da chamada política de gentrificação, que expurga as pessoas pobres do centro da cidade, das áreas nobres de interesse da especulação imobiliária para periferias, cada vez mais distantes. Por certo nos lembramos dos incêndios aparentemente involuntários que consomem favelas e seus moradores, estação seca após estação seca. Debelados os incêndios e evacuadas as áreas são erguidos prédios suntuosos ou estacionamentos gigantescos para carros particulares (DA SILVA, 2016, p. 27).

Revelando a evolução do complexo e eficaz mecanismo de extermínio de corpos negros que tem braços na política, na arte, na escola, na sociedade pensada na grande maioria por homens brancos, heterossexual *cis* normativo a séculos neste país, constatamos o triste dado que de todos os jovens assassinados no país pela polícia, 77% são negros. Em Costa Barros, Rio de Janeiro, cinco jovens negros (Roberto, Carlos Eduardo, Cleiton, Wilton e Wesley) foram assassinados pela Polícia Militar com 111 tiros (28 de novembro de 2015); em Guadalupe, o exército brasileiro disparou contra o carro do músico negro Evaldo Rosa, 62 tiros de fuzil e pistola (08 de abril de 2019); Marielle Franco, vereadora, mulher negra assassinada com quatro tiros na cabeça (14 de março de 2018). As imagens de corpos negros espelhados nas calçadas

em plena pandemia revelou a vulnerabilidade, objetificação desses corpos e me fez refletir principalmente que “Tudo aqui evoluiu para nos matar”. Isso é ou não é uma guerra contra o povo negro? Com todo aparato tecnológico de percepção, como sugere Paul Virilio.

Augusto Boal costumava dizer, em laboratórios presenciais, que a Terceira Guerra Mundial não se daria somente por armas de fogo e sim, principalmente através dos canais sensíveis da percepção a partir da dominação da Palavra, Imagem e Som. Na obra *A estética do oprimido*, lançada em 2009, relata que estamos na guerra dos sentidos, onde imagens, palavras e sons bombardeiam nossas percepções, influenciando com a ideologia dos dominantes nossos pensamentos sensíveis e simbólicos.

No mundo real em que vivemos, através da arte, da cultura e de todos os meios de comunicação que as classes dominantes, com o claro objetivo de alfabetizar o conjunto das populações, os opressores controlam e usam a palavra (jornais, tribunas, escolas...); a imagem (fotos, cinema, televisão...); e o som (rádios, Cds, shows musicais...), monopolizando esses canais, produzindo uma estética anestésica contradição em termos!, conquistam o cérebro dos cidadãos para esterilizá-lo e programá-lo na obediência, no mimetismo e na falta de criatividade. Mente erma, árida, incapaz de inventar, terra adubada com sal (BOAL, 2009, p. 17-18).

De uma forma semelhante, Paul Virilio mostrou a utilização da logística da percepção em relação ao uso das técnicas cinematográficas nas grandes guerras do século XX. Para ele, a “*Guerra das imagens e dos sons substitui a guerra dos objetos (projéteis, vetores explosivos mais ou menos devastadores)*” (VIRILIO, 1993).

Crescemos com imagens brancas o tempo todo, na televisão, no teatro, no cinema, nas revistas e em livros. O mundo branco nos rodeia e cria um conjunto de engrenagens que reforça e legitima esse mundo e, às vezes, com tanta força subliminar,

que nos coloca em inércia sem capacidade racional de lutar e ocupar o espaço desejado na sociedade, muitas vezes nos fazendo acreditar na total incapacidade da Raça. O apelo das imagens é muito forte, todos os momentos somos bombardeados com imagens de negros atores nas novelas ocupando papéis de empregados, bandidos ou qualquer outro sub papel, nas lojas de brinquedos são poucas as opções de bonecas negras e quando se encontra, essa já está com o cabelo alisado. Já nos encontramos em guerra e essa guerra se dá através da semântica, do sensível, invasão cerebral por meios de mensagens subliminares. E para se proteger disso é necessário aprender a ler o que está além das mensagens, além das imagens e além das letras da música. E se apropriar dos meios de produção.

No Brasil, a população negra tem pouca ou nenhuma referência de imagem de pessoas em profissões de maior prestígio social como médico, cientista, juiz, jornalista, apresentador de televisão, pesquisadores acadêmicos dentre outras, o que contribui para a manutenção do racismo. A construção da identidade negra também necessita de referenciais. A não existência ou invisibilidade de pessoas negras nesses espaços limita as possibilidades de projeção social para crianças negras, inclusive no que se refere à percepção estética. É fácil perceber a ausência de representação positiva do negro no universo infantil. Quantas princesas negras conheceram? Quantos heróis? Quantos apresentadores de programas para crianças? Quantas bonecas e bonecos negros com os cabelos crespos e naturais são valorizados?

A profundidade da invasão ideológica racista na infância impressiona. Meninos e meninas reproduzem discursos racistas. Por meio de brincadeiras aparentemente inocentes em relação ao cabelo, associando-o a palha de aço, comparando a cor da pele negra ao mundo dos animais, como macacos e gorilas, são exemplos de “inocentes brincadeiras” no vasto universo infantil.

O discurso branqueador é construído ao longo do tempo através da invasão dos cérebros

de forma direta e indireta, por estímulos estéticos diversos. Na literatura, no teatro, na televisão, na música, por diversos meios sensíveis. A estratégia de branqueamento é arma opressora antiga, como mostra um artigo lido por Grande Otelo, dois anos depois da primeira transmissão televisiva no Brasil, o livro organizado por Joel Zito Araújo faz referência a esse fato:

É muito interessante. Li o resumo em *Seleções* e gostei. Depois resolvi ler os anúncios dos diversos produtos americanos. Formidáveis como sempre, pecando só num ponto que há muitos anos me chama a atenção, não só em *Seleções* como em todos os jornais e revistas de qualquer parte do mundo. As figuras de homens, mulheres e crianças são todas brancas. Por quê? Não me lembro de ter visto num anúncio de geladeiras, perfumes, aviação, interiores de casa, móveis etc., figuras negras. Qual o motivo, Meu Deus? (ARAÚJO, 2010, p. 18).

A manutenção do racismo não consiste apenas em não ter negros nos grandes meios de comunicação, mas também em colocar o negro em sub-papéis, de subempregos, como mostra outra parte do mesmo artigo:

Só me lembro de ter visto anunciando sabão, uma gorda negra ou, nos anúncios de pasta de graxa, vagões de estrada de ferro com negros encarregados de botar os banquinhos para os brancos subirem, automóveis com motoristas negros. Nunca passageiros de avião, bicicletas, ou seja, lá o que for de confortável (ARAÚJO, 2010, p. 18).

Ainda hoje, não são diferentes nos meios televisivos privados e públicos e nas grandes mídias impressas. Nas bancas de jornal e em programas de televisão, menos de 3% de negros aparecem, funcionando como um verdadeiro bombardeio ideológico, seja pela ausência de imagens sociais positivas de negros na mídia ou pela presença de negros em papéis secundários ou funções econo-

micamente irrelevantes, que contribuem para perpetuar o racismo no Brasil.

O campo de batalha nunca foi favorável em nenhuma instância para o corpo negro em nossa sociedade. A história, os fatos, as imagens, os números de corpos negros mortos, os noticiários, as luzes das sirenes do carro de polícia, o som dilacerante do rasante voo do helicóptero, a falta de referência positiva na mídia, no cinema e na arte diz ao meu corpo negro que é guerra! O que podem fazer os artistas negros nesta guerra? Sem a pretensão de uma verdade única como resposta, me aquilombo em Coletivos de Teatro Negro e de Cinema Negro para que, juntos, seja possível disputar protagonismo de narrativas em diversas áreas na tentativa de criar imagética e permitir que nossas crianças negras existam em plenitude de ser humano em um futuro breve.

Arsenal negro de guerra

Se, nas senzalas, só se ouvissem as rádios senhoriais; se só lhes chegassem os canais de TV e jornais da Casa Grande, as senzalas jamais seriam capazes de inventar Palmares. A cultura da Casa não serve a Senzala porque tem valores senhoris e formas senhoriais. Mesmo a grande cultura milenar deve ser reinterpretada do ponto de vista de onde estamos, e não de onde nos disseram que estava a cultura (METAXIS, 2007).

A construção da representação de sentido na produção do coletivo Siyanda – Cinema Experimental do Negro, partindo da sistematização designada por Augusto Boal de *A estética do oprimido* e da sistematização de Barbara Santos (2019), em Teatro das Oprimidas, em que foram utilizadas como base teórica para construção e a análise do desenvolvimento da concepção e criação imagética dos espetáculos do Grupo de Teatro-Fórum “Cor do Brasil”, de onde nasce o coletivo Siyanda de cinema formado exclusivamente por negras e negros.

A experiência prática com os dois grupos possibilitou aprofundar e descobrir novos jocos de

criação de imagem e poética negra apontando possibilidades de narrativas em combate ao racismo criando alternativas de construção de identidade positiva dos negros contra a maioria das produções de grandes mídias que criam estereótipos e perpetuam negros em sub-papeis de subempregos contribuindo com racismo.

Neste processo, muitas pessoas dos nossos coletivos se apropriaram dos meios de produção do cinema e aprenderam a utilizar a câmera de filmagem, programa de edição, programas de criação de imagem, necessidades fundamentais nos tempos modernos, onde as possibilidades de trabalho se tornaram majoritariamente digitais e por necessidade de sobrevivência física, financeira ou necessidade de expressão tornou-se fundamental se apropriar dos meios de produção para criação de nossas próprias narrativas. Extremamente necessário assumir esse protagonismo, para combater “Imagens de Controle”¹ e esses estereótipos impostos pelas mídias dominantes.

Com intuito de ampliar a pesquisa estética do coletivo de **Teatro Fórum Cor do Brasil** e de

ampliar a audiência e discussão política, entendendo que, nesse ponto, o teatro é limitado em termo de alcance de público, nasce o coletivo de cinema – Cinema Experimental do Negro. Siyanda é um selo cultural negro, feito por negros para negros, com o objetivo de criar obras filmicas (documentários, curtas metragem e podcasts) que crie representação de sentido e positivem a imagem de pessoas pretas em toda sua diversidade de existências como estratégia de engajamento em diversas esferas e segmentos sociais, nascendo como alternativa de luta nesta guerra contra mídias que criam e perpetuam estereótipos sobre a população negra.

O Coletivo começou com a reunião de pessoas negras (em grande maioria integrantes do coletivo de Teatro Fórum Cor do Brasil), que participavam (e ainda seguem participando) de atos e eventos sobre a cultura negra brasileira e de luta antirracista. Nesses encontros, falávamos de estratégias eficazes e múltiplas de enfrentamento do racismo e de fortalecimento da cultura afro-brasileira. Foi então, que Hugo Lima pensou na realização de um documentário em que nós pudéssemos falar do que é ser negra/negro em nosso país. Dessa ini-



Espectáculo *Suspeito* – Los Angeles, UCLA, 2019 – Foto: Bob Gordon.



Espectáculo *Suspeito* – Los Angeles, UCLA, 2019 – Foto: Bob Gordon.

ciativa foi produzido o documentário *Negrxs dizeres*,² em dezembro de 2015.

A partir dessa primeira iniciativa, decidimos que deveríamos montar um Coletivo Audiovisual Negro, foi então que surgiu o Siyanda – Cinema Experimental do Negro. Na Cultura Zulu Siyanda significa “Nós estamos crescendo” e o subtítulo do coletivo é em homenagem ao **Teatro Experimental do Negro (TEN)**, sistematizado por Abdias do Nascimento. No ano de 2016, participamos do Festival 72 horas e produzimos o curta-metragem ficcional/real *Siyanda*. Saímos desse festival consagrado com o prêmio de melhor roteiro e como o terceiro melhor filme. Após o festival iniciamos nosso circuito de exibição popular em diferentes contextos sociais para valorizar a cultura afro-brasileira através do audiovisual. Em 2017, realizamos o filme *Desterro*, eleito melhor filme, segundo o júri popular, e melhor trilha sonora no Festival 72 Horas, de 2017.

Com essas produções, realizamos nossa temporada popular de exposições no Festival Iguaçine, Cine Clube Atlântico Negro, Aula Magna do Mestrado em Relações Étnico Raciais do CEFET-RJ, Sarau Cultural Pré-vestibular Carolina Maria de Jesus, Sarau da Cabaça (Centro de Teatro do Oprimido), Escolas da Rede Pública,

Universidade Rural do RJ (Coletivo Dandaras da Baixada). Em abril de 2019 exibimos quatro de nossos filmes na UCLA – Universidade da Califórnia, junto com o coletivo Cor do Brasil.

Sobre as temáticas e produção dos filmes do coletivo:

Curta *Siyanda* – 2016: a nova diáspora negra. Nós negros, somos irmãos porque a África é mãe. No solo sagrado da cidade do Rio de Janeiro, onde em outros tempos foram regados com sangue negro, nossos Orixás não ignoram o sofrimento de uma negra/negro, vindo da África ou de qualquer lugar do mundo.

Curta *Suspeito* – 2017: Homens, mulheres e crianças negras são consideradas “Suspeito padrão”? Mesmo sem saber quem eu possa ser pensam sobre mim tudo conhecer? Um filme a partir do poema de Bárbara Santos.

Curta *Desterro* – 2017: Substantivo masculino: Deportação; ação ou efeito de desterrar, de expulsar da pátria. O local em que habita essa pessoa que foi expulsa. Ação de sair de seu domicílio por uma ordem legal ou por vontade própria. [Jurídico] Ordem legal que obriga uma pessoa a permanecer no local para o qual foi deportada. [Por extensão] Estado ou condição de quem vive de maneira isolada. [Por extensão] Solidão; sensação de isolamento. Lugar muito calmo ou inabitado. Na região do porto do Rio, também conhecida como pequena África, entre os séculos XVIII e XIX, grande parte

das pessoas foram sequestradas do continente africano para serem escravizadas no Brasil, chegaram e foram denominadas de pretos novos. Os que não sobreviviam à travessia do Oceano Atlântico tinham seus corpos jogados nessa região de maneira desrespeitosa e sem um funeral adequado. Ao longo dos séculos essa região ficou conhecida como cemitério dos pretos novos. Estima-se que há elevado número de corpos, espíritos e almas negras soterradas naquela região. O que aconteceria se esses corpos emergissem da terra para cobrar sua dívida? O que essa gente preta soterrada, desterra-



Espectáculo *A cor do Brasil*, 2010, Dakar, Senegal. Foto: Bárbara Santos.



Espectáculo *A cor do Brasil*, 2010, Dakar, Senegal. Foto: Bárbara Santos.



da, enterrada e sem-terra na terra diria aos desterrados pretos e pretas que ainda banham o chão e a terra dessa cidade dita maravilhosa? Junta-se a esse soterramento de pretos, os corpos de milhares de indígenas (chamados também de “negros da terra”) também dizimados e enterrados no chão desta São Sebastião do Rio de Janeiro, a partir do século XVI, com os pés de branco pisando nesta *Terra Brasilis*. Imagina então negros e indígenas de mãos dadas cobrando suas dívidas? A Casa Grande vai pirar!

Curta *O Senhor de toda cruz* – 2018: A figura de um jovem negro correndo pela cidade, mexe com o imaginário popular. Pra onde vai? De onde veio? Será que está fugindo da polícia ou vai assaltar alguém? Exu guarda, Exu salva. Não existe movimento sem Exu. Laroye.

Curta *Fim de tarde* – 2019: É urgente e extremamente importante exercitar o olhar sobre corpos negros masculinos, para além da brutalidade e violência. Existe um cotidiano, belo e poético nas vidas negras.

Curta *O Dia que resolvi voar* – Naira Soares – 2019: Gabriela fez de tudo para se adequar ao seu ambiente de trabalho, mas bastou uma informação para tudo se transformar, inclusive ela.

Curta *Manga com Leite* – Nathali de Deus – 2019: Em um quintal de família típico do subúrbio carioca, Diara desenha a sua infância através de perdas e construções da memória. A partir dessas experiências, ela vai aprender sobre ancestralidade e esperança.

O coletivo Siyanda produz narrativas que visa a fomentação de questões sociais e políticas consideradas relevantes para o exercício da reflexão acerca da estética e da cultura das mídias, se tornando uma importante arma alternativa que busca exibir os filmes para seus pares no local que eles se encontram, compartilhando outra possibilidade de construção estética e imaginária sobre a população negra.

Concomitante com o trabalho com os dois coletivos acima citados, tive a oportunidade de pensar a imagem estética para outros espetáculos

com temáticas negras na Cidade do Rio de Janeiro. Os espetáculos se dividem em quatro blocos de atuação.

O primeiro bloco é sobre Espetáculo/ denúncia, que tem na narrativa questões sobre racismo no dia a dia de um corpo negro, ações cotidianas vividas em diferentes regiões das cidades cometidas por diversas instituições sociais e individuais de nossa sociedade. Ações racistas cometida pela polícia, situações racistas no ambiente escolar, no trabalho, no espaço público, nos coletivos, bancos, entre outros lugares. Os espetáculos trazem para cena situações cotidianas recorrentes vividas infelizmente por pessoas negras. Posso destacar o espetáculo *Cor do Brasil* dirigido e escrito por Bárbara Santos em 2010 com intuito de participar do 3º FESMAN – Festival Mundial de Artes Negras em Dacar, Senegal.

Esse espetáculo musical abordou inúmeros temas/denúncia. A questão das cotas raciais nas universidades, O mito da democracia racial, O que é ser “pardo” no Brasil, A invenção da “Mulata” e do “Pelé”, A questão de o corpo negro como elemento “suspeito padrão”. A questão de representação na Mídia. A questão do cabelo natural para mulheres negras. A questão racial em ambiente de trabalho, loja e restaurante.

O segundo bloco traz as Temáticas Afro-religiosas para a cena carioca. Como transportar para a cena teatral ou para os filmes, temáticas e histórias tão importante para construção de identidade e subjetividade do povo negro? O que pode ser contado? O que pode ser atualizado? Posso citar alguns espetáculos:

O menino Omolú, estreou em 2021. Idealizado por Cynthia Rachel e Companhia de Aruanda e dirigido por Iléa Ferraz, traz para a cena a história do Menino Omolú para Infância e Juventude. No meio da Pandemia de Covid foi fundamental e necessário falar sobre cura, esperança e preconceito. A história de um jovem estudante que sofre *bullying* na escola devido sua aparência por causa das feridas, nunca era chamado para festas dos amigos. O



Espetáculo *O menino Omolú*, 2021. Foto: Valmir Ferreira.

Abaixo
Imagem do espetáculo *O menino Omolú*, 2021. Foto: Cachalote Mattos.





Imagens do espetáculo *O menino Omolú*, 2021. Foto: Cachalote Mattos.

espetáculo se passa em uma feira livre de rua, onde a mãe de Omolú tem uma barraca de bonecas negras Abaomy, entre barracas de frutas, de ervas que cura e tecido africano a história se desenvolve. E sobre a luz do sol, Omolú recebeu os amigos da escola para um grande banquete com frutas doces e pipoca. Celebrando a quebra de preconceitos e a aceitação da diversidade. A feira se transforma no quintal da casa do menino e o banquete é servido. As ervas, os doces e as frutas eram todas de verdade, ao final do espetáculo distribuíamos todas as frutas e doces para as crianças do teatro. Uma verdadeira festa!

Kawó – o rei chama! 2020 (*on-line*), direção de Gabriel Mendes. A história do Rei Xangô para os pequenos. Em uma aldeia uma família com mãe, filhos e avô se reúne para prepara uma festa, enquanto a festa é preparada o avô conta as histórias de um rei, o “Rei Chama”, os familiares da aldeia se transformam nos personagens da histórias,

criando um lindo jogo cênico. O Cantar, dançar, batucar e contar (Zeca Ligiéro) como prática de uma encenação negra está presente e toma conta da cena. A escolha de um único elemento cênico como imagem principal, uma fabulação de uma tabanca, casa típica africana. Ao longo do espetáculo essa casa vai se modificando e se transformando em vários outros elementos de cena, ajudando na criação imagética do espetáculo. Ora lembra um brinquedo “trepa trepa” de praças do subúrbio carioca, ora lembra tronco de árvore, onde se era comum ver crianças subindo para comer frutas direto do pé nas praças e quintais. Criando outros planos de ação, criando a possibilidade de cenas em movimento e trabalhando com dimensões da memória e imaginação dos espectadores.

Manifesto Elekô – Dirigido por Fernanda Dias e Fábio Batista, um espetáculo de dança da Cia. CLAN, do morro do Andaraí, no Rio de Janeiro, começou a ser idealizado em 2019/2020.



Espectáculo *Kawó – o rei chama!*, 2020, Foto: Renata Colônia.



Imagem do espetáculo *Manifesto Elekô*, 2021, no teatro Cacilda Becker. Foto: Cachalote Mattos.

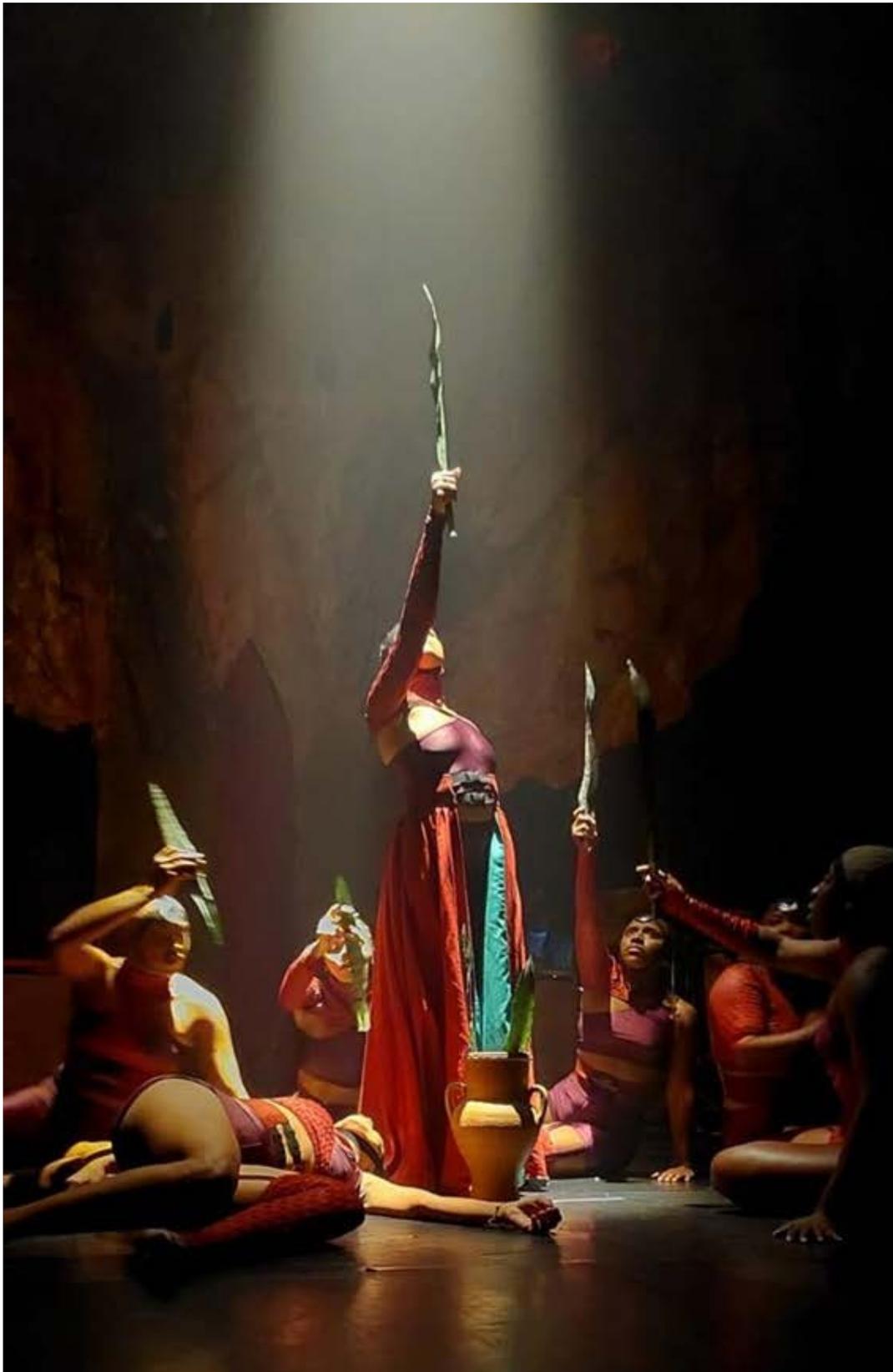


Imagem do espetáculo *Manifesto Elekô*, 2021, no teatro Cacilda Becker. Foto: Cachalote Mattos.

Apresentou-se a primeira vez no Teatro Cacilda Becker para um grupo restrito na Pandemia.

O mito de Obá, repensando as dores e violência vividas por mulheres negras na atualidade. O espetáculo dança a trajetória de uma das orixás mais guerreiras e viscerais do panteão Yorubano. Obá lutou, amou, sofreu e assim precisa falar! Em formato de poesia, o Manifesto convida todas as mulheres pretas a falar. Envolto a uma sofisticada sonoridade produzida por violoncelo, violino, teclado e uma variada percussão com instrumentos africanos e brasileiro como *D'jambé*, Atabaques, *Balafon*, embaladas por cantigas Yorubá e Bantu, essa história é dançada por corpos de mulheres negras em diversidade. Pesquisando sobre a mitologia de Obá, líder da sociedade secreta Elekô onde era proibido a presença de homens, os cultos as divindades femininas aconteciam dentro de uma floresta dentro de uma caverna. A partir dessa informação e pensando sobre todas as violências vividas por mulheres negras ao longo da história, optamos como imagem para o início do espetáculo um pano marrom bem escuro como o tronco da árvore Ébano. Um corte central vertical revela um tom de vermelho escuro cor de sangue. Desse corte nasce Obá! Em um segundo momento esse pano se levanta e revela uma imagem que lembra árvore, lembra rostos femininos com a mesma fenda no meio. Essas fendas, sugere a essência feminina, mas também expõe o corte na carne sofrido por mulheres pretas. Anos e anos de violência e atrocidades cometidas contra nossos corpos.

O terceiro bloco eterniza **Grandes Personagens Negros da Nossa História**. É de fundamental importância trazer para a luz do conhecimento todos os personagens negros que foram apagados ou embranquecidos ao longo da história, existem vários que os livros, os filmes o teatro a televisão não quiseram mostrar.

Turmalina 18-50, 2109. Conta a história de João Cândido o “Almirante Negro” uns dos principais líderes da Revolta da Chibata, que liderou a luta contra os castigos imposto a marinheiros negros. Um espetáculo da Cia. Cerne de São João

de Meriti, baixada Fluminense do Rio de Janeiro, bairro onde viveu os últimos anos de vida, nosso Herói João Cândido. Dirigido por Vinícius Baião, o espetáculo perpassa sobre a trajetória do nosso almirante.

Com uma crítica política sobre nosso tempo, em que cada atriz e ator reivindica uma luta social. As imagens da cena são construídas por três módulos vazados de dois metros de altura, todos desmontáveis. Os módulos juntos se transformam em navio, trem, prisão; separados são a casa dos moradores da rua Turmalina 18-50. Enquanto cenógrafo, trabalho um conceito de que o espaço não é somente tridimensional. Em conformidade com os pensamentos de Augusto Boal sobre o espaço cênico, ele dizia que o espaço é no mínimo penta dimensional, além da largura, altura e profundidade existem no mais duas dimensões que são a memória e imaginação da relação do público com os atores e elemento de cena. O cenário desse espetáculo provoca o jogo de imaginar com a plateia. Lembro-me quando mostrei para o diretor as possibilidades de utilização do cenário, sinalizei sobre a necessidade de utilizá-lo de forma constante na encenação.

O quarto grande bloco que venho considerando é a Afrofabulação, a possibilidade de criar histórias e personagens com camadas variadas e diversas onde o corpo negro não apareça de forma pejorativa. A arte negra com elementos contemporâneos sofisticados bebendo de uma estética Afrofuturista, deixando de olhar a arte negra como uma arte primitiva. Revisitando o passado africano onde negros eram reis e rainhas, com grande conhecimento matemático, da física e linguística para se pensar na existência de futuros. Temas diversos sobre subjetividade, amor, masculinidade negra cotidiano também são um direito de ser abordado por um teatro e cinema negro.

Neste bloco destaco os trabalhos nos espetáculos:

O pequeno herói preto, 2020, dirigido por Luiza Loroza e Cristina Moura e idealizado por Junior Dantas, que faz o papel do Super-Nagô. No



Imagens do espetáculo *Turmalina 18-50*, 2020. Foto: Stephany Lopes.

auge da Pandemia de Covid-19 recebi o convite para pensar essa cenografia. A história de um super-herói, um menino negro, que era *youtuber*, e tinha superpoderes que aprendeu com sua ancestralidade: suas avós e seus avôs. Há tempos pensava em criar uma imagem para cenário com temática negra com uns traços mais futuristas e pensei na possibilidade então de aplicar nesse trabalho, imaginei a forma de um celular na horizontal, só o contorno. Neste momento de pandemia onde nosso corpo físico se transformou em corpo tela, corpo *pixel*, seria interessante brincar com essa ideia de sobreposição de vários celulares ao mesmo tempo que se pode mover e criar outros espaços; assim foi a ideia, quatro contornos de celulares na horizontal, um dentro do outro, ligeiramente menor entre eles, formando na primeira imagem um túnel que conecta o ator, do mundo real ao virtual. O cenário é todo de ferro pintado de branco envolto com um material chamado de Neon Flex que imita a luz neon da década de 1960, esse material confere um ar futurista para imagem mesmo ainda hoje. Na medida em que a cena se desenrola é possível criar

lugares da vida real do Super Nagô ou da vida *pixel* de super-herói *youtuber*.

Meus cabelos de Baobá, 2019 – Idealizado por Fernanda Dias, com direção de Vilma Melo. A obra mostrar como a formação de uma menina negra é marcada pelo racismo estrutural da sociedade brasileira e, também, como as mulheres negras, mesmo diante de situações de amedrontamento, tiram das vísceras do feminino a capacidade de reinventar-se através dos tempos. Muitas vezes esses acontecimentos as impedem de enfrentar desafios e superar traumas que marcaram o corpo e a mente. Na contramão disso, a conexão com a ancestralidade ora potencializa, ora determina a evolução do feminino fazendo saltar força e grito em um só movimento da senhora da vida, fêmea, mulher, rainha. Sentindo necessidade de presenciar na cena teatral carioca, obras artísticas, que abordassem de forma poética e estética o universo feminino, principalmente em direção as mulheres negras nasce o Espetáculo *Meus cabelos de Baobá*, começou com uma esquete de dez minutos para participar do



Espetáculo *O pequeno herói preto*, 2021. Foto: Cachalote Mattos.



Espectáculo *O pequeno herói preto*, 2021. Foto: Cachalote Mattos.

8ª FESTU – Festival de Teatro Universitário, em 2018, o espetáculo ganhou o prêmio e Fernanda Dias foi a primeira atriz negra a ganhar o prêmio de melhor atriz e texto original no Festival. A estética do espetáculo é uma árvore central que se transforma em um trono Afrofuturista e depois vira extensão dos Cabelos de Dandualunda, quando essa se transforma em rainha.

Com uma pesquisa sonora passando pela África do Oeste, pelo Afro Bitz de Fela Kuti e por

uma pesquisa de repetição sonora mecânica projetando ecos na voz da atriz criando uma ligação direta com Orúm ancestral da personagem, Beà, diretora musical do espetáculo foi indicada ao prêmio Shell de melhor música em 2019.

Em um estado permanente de guerra, – Estamos Guerra! como explana Ailton Krenak, (TVE Bahia, 3 de julho de 2020) e em plena Batalha de Corpos e Imagem. Como afirma Rodrigo Gueron (Professor PPGARTES/ UERJ).



Espetáculo *Meus cabelos de Baobá*, 2019. Fotos de Cynthia Salles.
Abaixo, à esquerda, foto de Rafael Coelho.



As produções acima citadas são potências criadoras de fazedores e fazedoras negras pela preservação da vida de nosso povo, pela subjetividade do cuidado do nosso Ôri, pela ação continuada para não sucumbir nossos corpos negros. Obras que denuncia o genocídio da população negra, mas também valorizam nossa cultura, nossos heróis e heroínas e criam imagética para o futuro. É preciso reinventar lutas porque estão sofisticando as formas de opressões. Com Imagem, Palavra e Som, de forma sensível criamos *Respostas Artísticas e Estética* contra as constantes violências a nossos corpos. Afinal, desde a travessia do Atlântico sempre foi tempo de catástrofe para o povo negro e agora mais do que nunca, Tudo Aqui Evoluiu Para Nos Matar! **Na guerra contra o corpo negro! Criar imagem é criar imaginário e criar imaginário é criar poder! Contemos nossas histórias!**

Referências

- ARAÚJO, J. Z. (org.). **O negro na TV pública**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2010.
- BOAL, A. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- DA SILVA, C. **Parem de nos matar!** São Paulo: Ijuma, 2016.
- COLLINS, P. H. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. 2. ed. New York: Routledge, 2000.
- MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad. de Renata Santini. São Paulo: N-1, 2018.
- METAXIS. **Informativo do Centro de Teatro do Oprimido** – CTO

- Rio. Rio de Janeiro: Teatro do Oprimido nas escolas, 2007.
- SANTOS, B. **Teatro das oprimidas – Estéticas feministas para poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2019.
- VIRILIO, P. **Guerra e cinema**. Trad. Paulo Roberto Pires. São Paulo: Página Aberta, 1993.

Links do coletivo:

Facebook Coletivo Siyanda
<https://pt-br.facebook.com/SiyandaCinemaExperimentaldoNegro/>

Curta “Siyanda” – Ano 2016
<https://www.youtube.com/watch?v=L7XhoOjrz7M>

Curta “Suspeito” – Ano 2017
https://www.youtube.com/watch?v=p7qtMNE_MVo&xt=5s

Curta “Desterro” – Ano 2017
<https://www.youtube.com/watch?v=v9Ijp8n-SSk>

Curta “O Senhor de Toda Cruz” – Ano 2018 https://drive.google.com/open?id=1IRWRnlp7RPYajNCIV_38OjXQKd0lw9ri

Curta “Fim de tarde” – Ano 2019
https://drive.google.com/open?id=16K0IE11bBh7oWbvpv-Mc31mm_Hm_3QdIF

Curta “O Dia que resolvi voar” – Naira Soares – Ano 2019
(Sem *link*, pois está em circuito de festivais e mostras)

Curta “Manga com Leite” – Nathali de Deus – Ano 2019
(Sem *link*, pois está em circuito de festivais e mostras)

Notas

- 1 Conceito encontrado em Patrícia Hill Collins (2000).
- 2 Todos os links para visualização do material do Coletivo Siyanda estão disponíveis ao final do artigo.

Recebido em 23 de maio de 2023.

Aprovado em 1 de junho de 2023.

Publicado em 14 de agosto de 2023.